

Transcrição XII – Marcos Arruda

Rio de Janeiro, October 4, 2002

James – Estamos com Marcos Arruda aqui e eu queria que você, Marcos nos explicasse um pouco como foi o seu envolvimento político antes da prisão. Como foi? Quais as atividades que você fez aqui?

Marcos – Bem, eu descobri que a minha família era muito conservadora por herança, muitos conservadores como por exemplo, o almirante Pena Boto que participou das tentativas de golpe militar antes de 1964 e toda a cultura da família era anti popular e anti getulista, pró UDN e pró Eduardo Gomes.

James – Você tinha então, uma família bastante conservadora?

Marcos – Sim, foi preciso eu sair do seminário em 1960 e entrar para a faculdade em 1961, me formei para ser oceanógrafo que era o meu sonho.

James – Você realmente quis ser padre em algum momento?

Marcos – Sim. A minha primeira motivação foi a separação dos meus pais. Foi um gesto de renúncia a tudo que eu gostava na vida, uma espécie de provação. Fiquei 2 anos e meio, mas eu não agüentava mais. Era uma vida militar. Apreendi muito, me instrui e criei um universo de amizades que duram até hoje, mas ao mesmo tempo eu sofri muito. No meio do segundo ano, eu já procurei outro caminho. Eu gostaria de ser pianista, mas eu fui para a universidade estudar geologia. Aí, eu comecei a militar na JUC (Juventude Universitária Católica). Foi o divisor de águas da minha vida, foi através da JUC que eu adquiri uma consciência social. A partir disso, eu comecei a questionar a minha posição dentro da geologia, então foi estudar a parte política e social da geologia. Tentar pensar em formas de enriquecer o país e mudar a nossa composição social.

James – Fez geologia aonde?

Marcos – Na Universidade Federal de Geologia. Tinha muita articulação com a CGT para estudar maneiras de contribuir para uma política mineral solidária.

James – Nessa época, você já estava na Ação Popular?

Marcos – Não, estava na JUC. Só passei a colaborar com a AP em 1964 e principalmente depois que eu me formei. Depois que eu saí da universidade e perdi o contato com a JUC e passei definitivo para a AP. Nessa época, eu conheci o Betinho. Mais tarde, quando ele começou a ser duramente perseguido, ficou um tempo escondido na minha casa.

James – Quanto ao golpe de 1964. Porque na sua análise não houve resistência por parte da esquerda?

Marcos – A esquerda até lutou, mas não estava organizada. Ficou todo mundo meio pasmo. A reação de esquerdistas mais experientes como o Brizola e todo o PCB se articularam muito mal e acho que eles ficaram pensando se valia a pena se mobilizar contra um golpe. Já que no futuro, eles poderiam chegar ao poder com uma bandeira contra os golpistas. Nós, da juventude católica éramos contra o PCB porque achávamos este grupo muito colaboracionista. A linha que predominava no PC naquela época era fortalecer o capitalismo para este se esgotar e dar origem ao socialismo e nós éramos contra, achávamos que era preciso lutar para conscientizar a sociedade de novas formas de se relacionar, de socializar os meios de produção já e não ficar esperando que o socialismo nascesse de uma árvore podre.

James – Você se lembra onde estava no dia do golpe?

Marcos – Eu era presidente da executiva da UNE. Logo que soube fui para a UNE, os jovens da direita jogaram os moveis pela janela e queimaram o prédio da UNE. Depois, fui para o Largo de São Francisco, no centro, aonde era a escola nacional de engenharia, local de resistência contra o golpe. Nós trancamos lá dentro e a idéia era resistir. Até que nós percebemos que este lugar já estava marcado e seríamos presos. Dispersamos e eu peguei um ônibus que foi pela Praia do Flamengo, então eu chorei quando vi o prédio da UNE em chamas, era muitas e muitas labaredas. Um quadro absolutamente lamentável. Voltei para casa e os colegas da JUC decidiram que eu estava em perigo porque o diretor da faculdade era um fascista. Eu saí de casa, fiquei em casa de amigos até garantir que estava tudo bem, que eu não ia ser preso e tudo mais.

James – Naquela época você sabia que se tortura na prisão? Já se comentava sobre isso?

Marcos – Se sabia da tortura anterior ao golpe, da época do Getúlio. Mas, de tortura dos militares ainda não se falava não. O que aconteceu foram muitos desaparecimentos de líderes ligados ao Jango. Depois de 15 dias, eu voltei para a Escola e fiz o resto do ano letivo. No final do ano, o diretor, em reação a nossa turma, decidiu não permitir que nós tivéssemos uma cerimônia de formatura. Só pude pegar o diploma na secretaria. Depois arrumei um emprego em Petrópolis e me mudei para lá. Trabalhei um ano nesta empresa e depois eu vim para o Rio. Eu me apresentei em vários lugares, mas estava difícil de conseguir algo. Soube por amigos, que em muitos lugares eu não conseguia trabalho devido a minha militância na universidade. Neste momento, eu já estava ligado ao trabalho de alfabetização de operários. Em 1966, quando começaram a perseguir os membros da AP, foram bater lá em casa. Eu fiquei sabendo e fui para São Paulo. Então, começou uma outra etapa da minha vida, eu passei 4 anos morando em São Paulo antes da prisão e estreitei as minhas relações com a AP.

James – A AP esteve ligada as greves de Osasco?

Marcos – Sim, junto com outras organizações.

James – Nessa época já havia na AP, a idéia de luta armada?

Marcos – Mais ou menos. A doutrina que prevalecia era a do foco. A idéia era montar pequenos focos de resistência armada e achar que a população iria aderir porque ela era naturalmente contra a ditadura. Nos achávamos que só um trabalho lento de conscientização da população faria que ela entendesse as nossas proposições, mas a orientação era contrária, acreditava que a população já era contra a ditadura.

James – Quando você foi para as fábricas?

Marcos – Depois que saí da revista Realidade, na qual eu fui consultor. Comecei a conviver com os operários, ia para o bairro, comia na casa deles e só depois me candidatei a empregos em fábricas. Trabalhei quase um ano em uma subsidiária na Mercedes Benz. Até que eu adoeci do pulmão e eles me mandaram embora. Foi um trabalho realmente interessante.

James – Como era a sua relação com a AP?

Marcos – A AP tinha uma relação muito mais aberta do que os grupos guerrilheiro e eu nunca gostei de organizações que me dominassem e nas quais eu tivesse que seguir fielmente as orientações dos superiores, como se eu não tivesse opiniões próprias. Por isso, que eu saí do seminário. Apesar desta certa liberdade, os dirigentes da AP tinham posições autoritárias e por isso comecei a me afastar. Eu queria construir a resistência, conscientizar os trabalhadores e não impor uma falsa resistência contra a ditadura. Chegou um momento que eu me senti muito debilitado, queria sair da fábrica e continuar estudando, então eu pedi para sair da fábrica. Também, porque eu estava revoltado com os dirigentes da AP, que

propunham linhas de luta que não tinham nada a ver com a realidade dos trabalhadores. Eles não queriam aprender com a nossa experiência na fábrica, eles achavam que sabiam de tudo. Resumo, não me deixaram sair da fábrica. Me persuadiram de todas as formas, alguns argumentos eram os mesmos que os padres usaram para tentar conseguir que eu saísse no seminário. Mas, na fábrica eu fiquei até ser preso.

James – Bem, já sabemos da sua experiência na prisão e com a tortura, então vamos pular para a sua ida aos Estados Unidos. Bem, como foi isso?

Marcos – Bom, eu tentei de todo o jeito ficar no Brasil. Mas, fiquei sabendo pelo meu advogado que um juiz extremante direitista iria julgar o meu processo. Repare que eu fiquei preso 1 ano de forma clandestina e só 1 ano depois é que fui processado. Fiquei preso, sem processo e sem acusação nenhuma. Meu advogado me aconselhou, ou a sumir ou a sair do país porque eu corria sérios riscos de ser preso para esperar o julgamento e eu ainda estava em tratamento devido as seqüelas da prisão. Fui para os EUA, revoltado, sem vontade alguma. Mamãe fez todo o esforço para me mostrar que ia ser bom, produtivo. Mas, eu sentia que estava indo para uma terra inimiga da democracia. Sentia isso, estava em tratamento e nos EUA eu não conseguia nenhum médico que me tratasse de graça e nós não tínhamos dinheiro. Eu estava com um sentimento de culpa, por estar protegido no país da bonança e os meus amigos ainda na cadeia. Eu comecei muito angustiado, muito sofrido. A única coisa que eu fazia era ler, ler tudo sobre o Brasil.

James – Minha impressão, pela documentação que sobrou, foi que a sua primeira atividade fio contra o Médici. É verdade?

Marcos – Sim, nos organizamos quando soubemos da vinda do Médici aos EUA. O Conselho dos bispos e o pessoal protestante que trabalhava junto com os católicos me botaram em contato com muitas pessoas que estavam vindo do Chile e que eram de alguma

forma ligadas a América Latina. Muita gente que queria ajudar, mas eu tenho a impressão que foram as manifestações contra o Médici que colocaram muita gente em contato.

James – Como foi essa vinda de militantes?

Marcos – Veio gente de vários lugares, Chile, Bolívia, Guatemala e eu fui me chegando e aprendendo muito sobre América Latina. Quando veio o golpe do Chile, foi praticamente natural que se convertesse a iniciativa de luta pelo Brasil em uma luta por toda a América Latina. Eu usei completamente as minhas energias para ajudar brasileiros e não brasileiros a denunciar o golpe no Chile. O PC chileno me deu uma tarefa que foi procurar integrantes no PC chileno que haviam fugido por causa do golpe e estavam espalhados pelo mundo. Foi uma experiência muito interessante.

James – Em 1972, 1973, vocês fizeram a campanha para defender o Manuel da Conceição que era um militante da AP. Foi uma coisa muito marcante, essa história. Porque essa solidariedade com Manuel da Conceição, e você não era mais da AP?

Marcos – Porque ele era um dirigente camponês e tinha um compromisso enorme com a causa. Essa não era a primeira prisão dele, ele já havia perdido uma perna. E ele ficou preso e ficava em pé durante horas com uma perna só, imagine que horror. Nós tínhamos que fazer alguma coisa, não dava para fingir que não víamos.

James – Deixa eu te fazer uma pergunta. Nessa época, muitos viajavam por todo o mundo, é o caso do Jean Marc, por exemplo. Como funcionava esta ligação, essa rede de solidariedade internacional.

Marcos – Bom, ela tinha duas dimensões. Uma nos EUA, havia grupos de brasileiros e latino americanos e haviam americanos que também eram solidários as causas de lutas contra os golpes, aí se criou uma grande rede, sobretudo depois do golpe do Chile e

Marcos Arruda

até o Canadá também. Eram dois grupos principais de lutas contra a ditadura no Brasil, Washington e Nova Iorque por prolongamento e Califórnia, Berkeley. Depois do golpe no Chile, nós tínhamos 90 grupos de solidariedade espalhados por todo o país. Havia uma intensa comunicação entre nós e pressionávamos o Congresso a todo momento. Denunciávamos os casos de tortura e assassinatos, sempre através de intensos contatos com a mídia.

James – Agora, a rede internacional como funcionava?

Marcos – A rede internacional tinha as bases no Canadá e Europa, França e Suíça. As igrejas nestes lugares eram muito ativas e por isso se deveu a maior movimentação nesses países. Na Suíça, havia o Conselho Mundial de Igrejas que deu total apoio para o recebimento de refugiados depois do golpe do Chile. Agiu com grande bravura.

James – Mas, e antes... Houve a Frente de Informação Brasileira da qual o Márcio Moreira Alves fez parte? Vocês tiveram contato com esta frente?

Marcos – Só de ver os boletins. Não houve nenhum contato.

James – Não houve uma coordenação internacional para se discutir os rumos das campanhas?

Marcos – Não.

James – Então, era muito mais no sentido de que cada um criava e depois as informações circulavam.

Marcos – Era.

James – Havia alguma corrente de esquerda, que estava mais ou menos orientando essa mobilização internacional?

Marcos – Também não tinha.

James – Nem da parte da AP?

Marcos – Não, em 1971 se esboçou algo, mas não foi adiante. Não havia dinheiro para viagens. O Jean Marc financiado pelas Igrejas vez por outra fazia alguns contatos. Na Itália teve o tribunal Bertrand Russel e nós usamos o tribunal como um pólo de ação sobre o Brasil e então criou-se uma grupo italiano que também colaborava conosco. Mas, era tudo com grande dificuldade, sem dinheiro e sem grandes recursos.

James – O que foi a coisa mais difícil para você nos EUA, em termos de trabalho?

Marcos – Em termos pessoais foi ter um status. Eu estava como estudante e não podia trabalhar. Só fazia bicos como entregador de catálogos, motorista, algo que não condizia com a minha formação. Só em 1974, é que nós conseguimos que a imigração me concedesse o green card e então a situação pode se tranquilizar. O outro problema era a minha dificuldade era eu me sentir identificado com uma população que era responsável direta por todos os horrores que a minha América Latina estava sofrendo. Eu vivia muito dividido entre a revolta e maravilhado com a solidariedade que encontrava em muitas pessoas de lá. Sempre vivia com esta dicotomia. Essa divisão durou até 1974, quando eu fiz psicoterapia. Então, eu descobri que dentro de mim havia ainda mais divisões e era preciso conviver com elas. Então, foi aí que eu fiz as pazes com os EUA.

James – Qual foi a coisa mais maravilhosa que te aconteceu nos EUA?

Marcos Arruda

Marcos – Foram as pessoas que conheci e que eram solidárias. Eram pessoas que corriam riscos e eram fielmente solidárias com a nossa luta. Isso me marcou muito e até hoje sou grato por isso aos EUA.

James – Agora, uma última pergunta. Em algum momento você teve medo de retaliações?

Marcos – Depois de ter passado pela experiência da tortura, você perde o medo de qualquer tipo de retaliação.

James – Bem, Marcos, muito obrigado. Via realmente ser muito bom para o livro esta sua entrevista.